

Da flauta de Pan

VILEM FLUSSER

A natureza, aquele conjunto vivo de coisas vivas e mortas que os gregos chamavam de "physis", respira ritmicamente. As ciências naturais estão dedicadas ao esforço de descobrir esse ritmo, essas "leis que regem a natureza", e transformá-la, de deusa em serva. Essa transformação tem duas consequências inesperadas: mata a natureza, que doravante se torna conjunto morto de coisas vivas e mortas, e aliena o homem da natureza. Os gregos arcaicos, inspirados pelas musas, conheciam o ritmo da respiração sem recurso às ciências, porque vibravam em simpatia com ele. Era o ritmo musical, o ritmo das musas, que regia a respiração da natureza. Era um canto esse ritmo e a natureza por ele era encantada. Os deuses e homens que cantavam o canto, bocas das musas que eram, eram encantados e encantadores como a natureza da qual brotaram e a qual cantaram. O canto suspirado por Pan na flauta, o canto chorado por Orfeu e dançado pelas bacantes, o canto da fuga pânica, da harmonia orfíca, de sincope dionisiaca, estas eram as "leis que regiam a natureza". Pitágoras tentou formulá-las em números mágicos e iniciou assim a longa caminhada a partir da flauta de Pan até a equação maxwelliana. Mas surge, ainda assim e de vez em quando, um cantor entre nós e retoma a flauta de Pan, abandonada e escondida no vale do Sirimim, e, de repente, vibra, nós os seres cientificamente alienados, com a respiração rítmica da natureza rediviva. "As garças" de Guimarães Rosa, o conto-canto que acompanha este artigo, é uma redescoberta da flauta de Pan na forma da língua portuguesa. É um conto musical, inspirado pela musa chamada "língua", que canta a espiral de uma alta saudade: os círculos crescentes da natureza viva. O presente artigo é um convite ao leitor para contemplar o poder musical da língua portuguesa que jorra daquela boca das musas que é Guimarães Rosa.

Há um personagem no conto que abre uma fenda na sua construção compacta: o "entendido". É um intruso do mundo "sujeitiforme" (Vicente Ferreira da Silva) dentro do mundo mágico do vale do Sirimim, e assume uma posição irônica dentro dele. O presente artigo tem o dever ingrato, mas necessário conforme creio, de assumir para com o conto a posição do "entendido". O impacto do conto é direto, a vivencial, é "denso" (dicht) e "poético" (Dichtung). A crítica afrouxa a densidade, traduz o conto da camada vivencial para a intelectual e o integra na grande conversação

bosque de Pan, onde nasce a língua. Lá, na fronteira entre a angústia pânica e o misterio do deus, surge o logos, surge o sete e o três sagrado, surge o contar de contos. O sussurar pânico que Guimarães Rosa ausculta, com suas conotações fastas e nefastas, é o murmurar denso e cheio de significado que um desenvolvimento milenar transformou nas proposições claras e isentas de significado da matemática, linguagem na qual a ciência conta os seus contos. Ambos, Guimarães Rosa e a ciência, vêm do mesmo bosque, ambos são regidos pelas mesmas regras, ambos contam os mesmos contos. Mas Guimarães Rosa mora perto do bosque e conhece a angústia pânica de perto. A ciência (o comedor de garças), e a matemática (o bicho garceiro), aparentemente abrigados pelo vale, ignoram ou pretendem ignorar suas fontes. A realidade da qual nos conta Guimarães Rosa é, portanto, conscientemente, a realidade sorvida na fonte da língua, enquanto que a realidade da qual a ciência nos conta se dá ares de ser mais "realidade". Enganados pela ciência somos tentados a afirmar que o vale do Sirimim é fictício, enquanto que os mundos da física e da biologia são "dados". Justamente o contrário é a verdade. O vale do Sirimim é "dado" pela língua, a qual, para dar-se, abriu uma boca chamada Guimarães Rosa, enquanto que os mundos das ciências são abstrações fictícias de dados como este. A natureza das ciências naturais é uma abstração da natureza de contos como este, e as diversas espécies e gêneros da biologia são abstrações dos bichinhos "semexentes". É por isto que a natureza das ciências é morta, e as espécies e gêneros da biologia são mortos, enquanto que o vale do Sirimim vive. Mas as regras que regem ambas as naturezas são as mesmas: são as regras da língua. No vale do Sirimim essas regras funcionam vitais e palpantes, porque jorram diretamente do centro da língua portuguesa. Nos mundos das ciências funcionam cansadas e repetitivas, porque provêm dessa linguagem abstrata e universal que é a matemática pura. A matemática é uma língua que comprou sua universalidade pelo preço da abstração, pelo preço do esvaziamento. As línguas vivas, que lhe servem de fonte, e uma das quais é o português, crescem e se desenvolvem à sua revelia. O conto de Guimarães Rosa é uma bela ilustração desse crescimento e desenvolvimento. É e tanto mais significativo, por representar um crescimento e um desenvolvimento conscientes.

Os poetas são os criadores de

língua. Guimarães Rosa é a língua tornada consciente de si mesma e da sua função produtora de realidade. Em Guimarães Rosa a língua portuguesa despertou para si mesma. Talvez tenha acontecido algo parecido com o inglês em Joyce, mas o fenômeno, por ser português, não admite paralelos. Em contos como "As garças" a língua portuguesa cria conscientemente, se quiserem cerebralmente e metodicamente, a realidade nova. Cria essa realidade dentro do projeto que lhe é próprio, isto é, à maneira portuguesa, mas ao mesmo tempo vira-se contra si mesma, modifica-se e expande-se, é uma língua nova. E vejamos como é essa realidade que surge desse esforço reflexivo da língua: cheia de significado estético e ético, uma realidade bela e empolgante.

A beleza do vale do Sirimim dispensa comentários, que a diminuiriam em vez de ressaltá-la. Mas a sua qualidade ética quer ser comentada. Os dois polos éticos da realidade, o destino indubitável, as garças, e a dúvida chã, Nigra, a liberdade, heimarmené, portanto, e hybris, formam as duas colunas autênticas da situação humana. Quando rui uma pela ação destruidora da inautenticidade, arrasta consigo a outra. A tentativa inautêntica de destruir a necessidade, empreendida pelos comedores de garças e assistida pelo misterioso bicho garceiro, implica na destruição da liberdade. Os comedores de garças, nós os conhecemos bem, são os racionalistas que não sabem que carne de garça não presta, com rango de peixe. Mas o bicho garceiro que não consegue devorar a garça, arrancando-lhe apenas a asa, essa força anti-racional e barbara, este, por ser menos conhecido, é mais perigoso. A aliança entre o racionalismo e anti-racionalismo, que é resultado da perda da fé, e que torna cega a liberdade tanto quanto mata a necessidade, caracteriza a nossa situação moral, caracteriza o nosso vale. Duvido que Guimarães Rosa concorde inteiramente com esta interpretação da mensagem ética do seu conto, mas, talvez "malgré lui", parece-me ser este o recado que nos traz das fontes da língua. A conversação que ampliará o conto, desvendará essa mensagem de maneira muito mais satisfatória que este artigo curto pode tentar, e que esta posição "engagée" pode vislumbrar. Porque, como mensagem poética que é, tem ela muitas facetas.

Futuramente, e com o correr da conversação, o conto "As garças" se tornará parte integrante da conversação portuguesa. Será parte da realidade portuguesa, e, como tal, parte da realidade do Ocidente. Futuras/mentes por ele serão parcialmente informadas e o cogito agrá, desta maneira, e em muitos níveis, em prol deste grande processo linguístico chamado "pensamento". Mas hoje, quando pela primeira vez penetra o real a partir do potencial, podemos sentir-lhe toda a sua autenticidade. Lendo o conto

que sonhos. Dentro dela, ele se propaga em busca da imortalidade. Diante do olhar crítico a inspiração poética se torna transparente e os fios do seu tecido aparecem: são palavras e formas gramaticais, e o poeta é um criador e ordenador de língua. "As garças" são um hino da língua portuguesa em louvor da língua portuguesa, e, ao enaltecê-la, engrandecem-na produtivamente. Guimarães Rosa ressuscita a natureza porque a cria com seus bichinhos "se-mexentes", com suas garças "em-pé-zinhas", com suas infundadas urupucas. A natureza vive, é nova porque vivem; são novas as palavras e as formas que Guimarães Rosa cria. Criando língua, cria natureza, e louvando a natureza, louva a língua por êle criada. A natureza é um subproduto da língua, e o vale do Sirimim é um subproduto da língua de Guimarães Rosa. Criticando a língua de Guimarães Rosa estaremos fazendo "ciencia natural" num sentido ontologicamente mais imediato que pelo sistema da fisica ou biologia. É linguisticamente que compreendemos os discardumes de peixes, e não ecologicamente, e é linguisticamente que compreenderemos as garças nivais, e não mecanicamente. A natureza é regida primariamente pela poesia, e somente secundariamente pela matematica, essa bisneta da poesia. A função ontologica primordial da lingua salta aos olhos n" "As garças".

Setentrionais, vindas das regiões do sete e três, são as garças brancas, têm outra especie de recado. São as aves do destino. Já são conhecidas nossas. Juntas aparecem, de jusante, no mito de Ibico, ano por ano, quando os jogos olimpicos das nossas vidas se travam. A especie de recado que têm é a mensagem pitagorica da regra, da ordem, do logos. São os legisladores. Seus bicos, pontuais, marcam as horas no relógio das nossas vidas. Nigra (sed formosa) perseguê-lhe as sombras no chão, ela — tão negra; elas — tão brancas. Sirimim, o nosso vale, está situado entre a brancura das graças que nos visitam porque querem e a negrura do cachorro. As garças são de um branco indubitavel, formam o horizonte indubitavel do vale. Nigra, que é uma bondosa cachorra, late, aborrecida, ante essa falta de dubiosidade. Mas há, no nosso vale, um homem que anda comendo bicho branco, e há o horrivel e voraz bicho garceiro. Estes, o homem e o bicho, destroem a imaculada e virgem brancura, a qual, morrendo, fura o olho de Nigra, já quãse cega. O homem comedor e o bicho voraz eliminam os limites do nosso vale. Morreram as garças, demasiado brancas, e agora está muito escuro. (Ou, como diz Nietzsche, cada dia se torna mais frio). Este o conto do nosso vale, este o conto d" "As garças" e das nossas desgraças.

As leis que regem o vale do Sirimim, e junto das quais Guimarães Rosa volta horizonte acima, são as regras da língua portuguesa. As proprias garças, legisladoras, não passam de portadoras de recado setentrional, da harmonia magica da língua. Guimarães Rosa, criador e legislador do Sirimim, a ela está subordinado. De que lugar, pelo rio, do norte, vem êle? Do

criadores de natureza. Tendo criado a palavra "jeremiar", Guimarães Rosa criou o conceito, e tendo criado o conceito, criou o fenomeno que o conceito "Intende". Os biologos e os psicologos virão, em seu tempo, para inseri-lo dentro da sua realidade. Mas os poetas criam sem saber o que fazem. São instrumentos inconscientes da

podemos sentir, vgenêmicamente, como surge realidade. Dou graças ao deus das linguas que permitiu o fenomeno Guimarães Rosa, como que para provar de forma pratica as minhas teorias. O poeta é o unico criador de realidade, e os demais esforços intelectuais são meramente epigonicos e parasitarios, inclusive este artigo.